

## **RECORTE AO PRIMEIRO CAPÍTULO DO RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM**

**Luiza Bradley Araújo<sup>1</sup>**

“Certa vez- e que linda vez que isso foi! - vinha uma vaquinha pela estrada abaixo, fazendo muu! E essa vaquinha, que vinha pela estrada abaixo fazendo muu!, encontrou um amor de menino chamado Pequerrucho Fuça-Fuça...”

Essa vaquinha, Joyce usou para o início de sua primeira novela “Um retrato do artista quando jovem”.

A leitura de Joyce é um pouco se perder nesse não sentido. Isidoro Vegh em seu texto Joyceescrito fala desse sentimento de sentir-se perdido, longe, durante a leitura de Joyce. É como se deixássemos que a obra nos conduzisse pelas ruas de Dublin.

Jacques Aubert em seu texto Uma Introdução , fala que essa primeira frase Certa vez – e que linda vez..., coloca todo o livro na ordem da fábula, na ordem de um discurso que sozinho sustenta uma história, ao mesmo tempo desvinculando-se da História, de um relato que tivesse a pretensão de ser detentor de sentido. É por isso que essa frase está marcada pelo inacabado, e é por isso que a voz e o suspense constituem a dupla clave, no sentido musical, do texto que inauguram. Na obra existe um deslizar constante de significantes através das palavras, o que torna árdua a tarefa do tradutor. Todo esse jogo do significante, fundado em seu princípio no corte, desmancha as articulações lógicas e as associações de ideias, mas por outro lado cria ecos e ressonâncias as quais todo leitor deve prestar atenção, pois ele possibilita um outro tipo de desenvolvimento discursivo. O sujeito tenta dizer-se no que ele tem de mais essencial, seu desejo, a partir daquilo mesmo que o funda: o fato de que ele pertence à ordem, simbólica, da linguagem, seu assujeitamento à ordem do significante.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: lparaujo@elogica.com.br

Um retrato do artista quando jovem, é o primeiro sucesso consumado de Joyce, publicado em 1914, e que só ele bastaria para tornar seu autor memorável. É importante lembrar porém que “Um retrato do artista quando jovem” é resultado de um longo processo de escrita e reescrita iniciado quatro meses após a morte de sua mãe, em janeiro de 1904, com o título de Um retrato do artista.

Todo retrato tem por vocação inscrever-se numa sucessão, na galeria dos ancestrais ou na dos grandes homens, em resumo, numa linguagem simbólica, é assim que nos aparece nesse romance, seja nos corredores do colégio, ou acompanhando a família em suas andanças. São as partículas da rememoração pessoal.

“Quando se molha a cama no começo ficaquentinho; depois vai esfriando. Sua mãe punha por cima um oleado. Que cheiro esquisito que o oleado tinha.

O cheirinho de sua mãe era mais gostoso do que o cheiro de seu pai”.

No primeiro capítulo do livro temos o Stephen criança, com saudades de casa, do colo de sua mãe.

--“Seu pai o que é?”

--Um cavalheiro.

Ao que Roche Relaxação indagara:

--Ele é magistrado?

Stephen se depara com a desvalorização da figura paterna.

Stephen estava doente, na enfermaria, “Teriam eles escrito contando a seu pai e sua mãe? Seria mais rápido se um dos padres fosse pessoalmente avisar. Ou deveria ele escrever uma carta para o padre levar?

E se morresse antes da mãe chegar?”

“O irmão Michel estava à borda do seu leito com uma tigela de caldo de carne.”

“Pôs-se a pensar em seu próprio pai, em como ele cantava umas árias enquanto sua mãe tocava e em como ele lhe dava um xelim quando lhe pedia só seis *pence*; lastimou não ser ele um magistrado como os pais dos outros meninos.”

Stephen sente a injustiça na própria pele.

“—Ajoelhe-se- gritou o prefeito dos estudos.

Stephen ajoelhou-se logo, comprimindo as mãos feridas no peito. Pensar nelas machucadas e inchadas, ardendo, o fez de súbito sentir tanta pena delas como se não fossem suas, e sim de uma outra pessoa de quem ele tivesse muito dó.”(59)

“Tinha sido cruel e injusto.”(60)

Sim, devia fazer o que os colegas tinham dito que fizesse. Iria lá em cima contar ao reitor que tinha sido injustamente punido.

--Eu quebrei os meus óculos, senhor.

--Bem, se quebramos os nossos óculos devemos escrever para casa pedindo um novo par.

--Escrevi para casa, senhor- disse Stephen – e o padre Arnall disse que eu podia ficar sem estudar até que eles chegassem.

--O padre Dolan chegou hoje na classe e me bateu com a palmatória porque eu não estava escrevendo o meu tema.

--Oh! Está bem. Foi um engano. Estou certo de que o padre Dolan não sabia.

--Sim, senhor, mas o padre Dolan disse que voltaria amanhã para me dar bolos de novo.

--Ora muito bem- disse o reitor-, foi um engano e eu falarei com o padre Dolan pessoalmente. E agora, assim, fica bem?

Stephen sentiu as lágrimas molharem-lhe os olhos e murmurou:

--Oh! Sim, senhor, obrigado.

Saiu bem devagar mas depois que passou do servente idoso começou a caminhar mais rápido até desandar a correr, já escutava os gritos dos alunos no pátio.

--Conta! Conta pra gente!

--O que foi que ele disse?

Contou-lhes o que tinha dito e o que o reitor dissera; e depois que acabou de contar, todos os alunos jogaram os seus bonés para o ar, fazendo-os girar e gritaram:

--Vivaaa! Vivaaa!

Lacan, no texto de 1960, “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, publicado posteriormente nos Escritos, fala do Outro como sede antecipada do puro sujeito do significante e que aí vai ocupar uma posição mestra, antes mesmo de chegar à existência.

É pelo Outro que o sujeito se constitui, o código vem do Outro e é através dele que o sujeito recebe a mensagem que emite. Mensagens de código e códigos de mensagem se distinguirão em formas puras no sujeito da psicose, aquele que se contenta com esse Outro prévio. A Fala só começa com a passagem do fingimento à ordem do

significante, exige um outro lugar, o lugar do Outro, só assim é que a Fala pode mentir ou seja, colocar-se como Verdade.

Lacan, no Seminário “As formações do inconsciente”(1957/1958), na lição “Os três tempos do Édipo”, indaga “o que é um sujeito? Será alguma coisa que se confunde, pura e simplesmente, com a realidade individual que está diante de seus olhos quando vocês dizem o sujeito? Ou será que, a partir do momento em que vocês o fazem falar, isso implica necessariamente uma outra coisa? Quero dizer, será que a fala é como que uma emanção que paira acima dele, ou será que ela desenvolve, que impõe por si só, uma estrutura?...Quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala...”

Podemos introduzir esse Outro através da teoria do Édipo. Chamar de triângulo simbólico, como instituído no real a partir do momento em que há uma cadeia significante, a articulação de uma fala.

Um retrato do artista quando jovem ocupa um lugar limite e paradoxal: limite na medida em que representa a articulação simbólica das gerações, paradoxal na medida em que o artista atinge aí os limites da operação simbólica e os seus próprios.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.